



SISTEMA E SUBSISTEMAS INTERDISCIPLINARES NA OBRA 'A ESPERA DO NUNCA MAIS – UMA SAGA AMAZÔNICA', DO ESCRITOR NICODEMOS SENA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Iza Reis Gomes Ortiz

Instituto Federal de Rondônia - IFRO

E-mail: iza.reis@ifro.edu.br

Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque

Universidade Federal do Amazonas - UFAM

E-mail: gasalbuq@gmail.com

RESUMO

Apresentar as primeiras reflexões sobre uma análise crítica e literária da obra 'A espera do nunca mais – uma saga amazônica', do escritor Nicodemus Sena é o objetivo deste artigo. Através de um olhar interdisciplinar sobre a obra, tentar-se-á investigar como a Colonização é representada, perpassando pelo escritor, pela obra e pelas construções já existentes. A Literatura será vista como um sistema complexo que utiliza outros subsistemas para se alimentar, sem se submeter a eles. O encontro entre o branco e o caboclo será investigado apoiado em teóricos da Teoria de Sistemas, da Linguagem, da Literatura, da História e dos Estudos Culturais.

Palavras-chave: Literatura. Sistemas. Análise crítica. Nicodemus Sena.

ABSTRACT

To present the first reflections on a critical and literary analysis of the work 'The wait of the never again - an Amazonian saga', of writer Nicodemus Sena it is the objective of this article. Through an interdisciplinary glance on the work, it will try to investigate as the Colonization is acted, passing by the writer, for the work and for the constructions already existent. The Literature will be seen as a complex system that uses other subsystems to feed, without submitting to them. The encounter between the white and the caboclo will be investigated leaning in theoretical of the Theory of Systems, of the Language, of the Literature, of the History and of the Cultural Studies.

Key-words: Literature. Systems. Critical analysis. Nicodemus Sena.

1 INTRODUÇÃO

Apresentar o texto amazônico produzido por um escritor nascido na região e que prima o sujeito 'ser amazônico' numa confluência e convivência com a floresta; estudar e analisar as representações desse sujeito amazônico e da própria Amazônia para que possamos ter um olhar de dentro para fora, do regional para o nacional. Uma proposta de trabalho que perpassa por várias disciplinas, que chamaremos aqui de subsistemas. A Literatura, consideraremos o grande sistema que contém subsistemas geradores de linhas interpretativas. O ponto central deste sistema chamado Literatura rodeado por outros subsistemas, consideraremos a intersubjetividade, ou seja, não há uma realidade, mas olhares interpretativos de



acordo com a criação de cada sujeito, de acordo com a experiência colateral. O processo de significação é algo contínuo, com representações falíveis.

[...] o conhecimento científico do mundo é construção social [...], o cientista coloca a 'objetividade entre parênteses' e trabalha admitindo autenticamente o multiversa: múltiplas versões da realidade, em diferentes domínios linguísticos de explicações. (ESTEVES, 2002, p. 102)

Assim, temos que estudar o processo, a relação entre o objeto (obra literária) e seus processos de significação. Há três paradigmas que podem ser procurados nas obras literárias do século XXI e que poderão nos indicar os indícios deste sistema gerador de linhas interpretativas. São eles o Relativismo, a Interdisciplinaridade e a Transdisciplinaridade. Teremos então uma ação de complementariedade, numa perspectiva multiversa. A obra que escolhemos para buscar esta perspectiva científica da complementariedade e de construção de sistemas e subsistemas é “*A espera do nunca mais – Uma saga amazônica*”, do escritor Nicodemos Sena. Nesta, temos a História, a Sociologia, a Filosofia, a Geografia, a Antropologia e outros, que consideraremos subsistemas que alimentam o sistema maior: a Literatura.

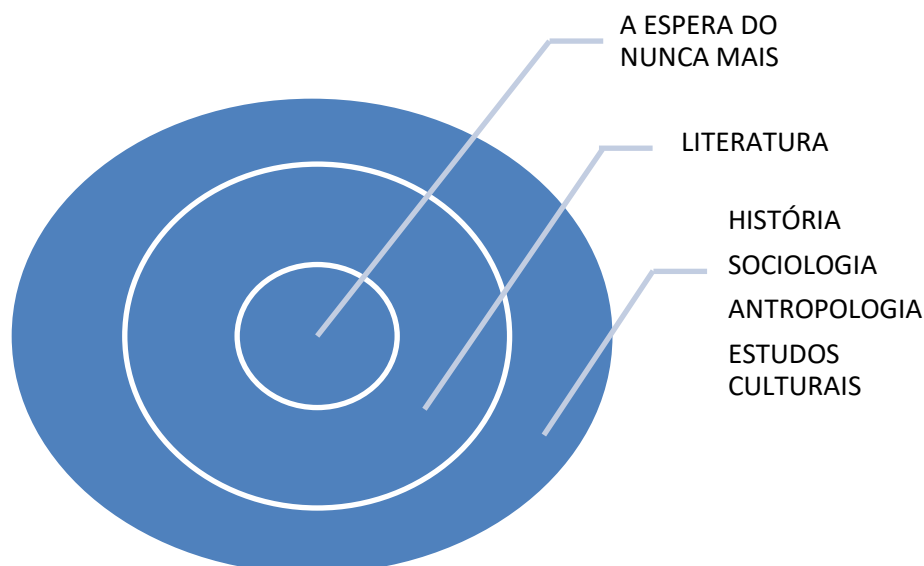
Tentar absorver de uma narrativa considerada realista e historiográfica, a vivência do homem amazônico em seu cotidiano, não tendo o estereótipo da floresta como algo imenso, exótico e diferente, mas como um elemento que faz parte da vida do caboclo, um elemento como os outros, como as casas de tapira, as índias velhas que fazem a tiborna, como os índios velhos que vão para a margem do rio beber a tiborna e conversar com os mortos, a casa de farinha, onde todos se reuniam. Acredita-se que uma proposta de ler e estudar a Amazônia através de seus sujeitos, fictícios e/ou históricos, envolve a Cultura, a História, a Sociedade e as ideologias de poder vigentes. Ver a Amazônia interdisciplinarmente é uma atitude primeiramente, para depois transformar-se em uma metodologia. E a obra de Nicodemos Sena nos proporciona essa relação, esse sistema organizacional em funcionamento num processo de transformação realizado pelo leitor e sua experiência colateral. Um ponto bastante pontual na obra é a oposição desenhada entre o colonizador e o colonizado por um escritor paraense. Como a Literatura se alimentou de uma realidade, de um subsistema chamado História, mas sem submeter-se a ele. Não há como estudar a Literatura isoladamente, mas em confluências com outros sistemas, abertos ou fechados. Temos uma interpenetração de áreas e subsistemas que

delineiam uma imagem, mas não sendo fixa, ocorrendo de acordo com a linha interpretativa, outros desenhos e imagens, de acordo com a experiência do leitor.

Vale destacar que este escritor e obra são objetos de estudo em um Projeto intitulado “Processos de Criação na Amazônia: escritores contam suas experiências literárias” do GET - Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologias do Instituto Federal de Rondônia, na linha de Educação, Sociedade e Cultura, Núcleo de Altos Estudos em Linguagem, Literaturas e Processos de Criação.

A seguir, representamos este processo de criação da obra, o sistema Literatura e os subsistemas (outras disciplinas) se relacionando para construir significados.

Figura 1 - Processo de criação na obra 'A espera do nunca mais' .



Na obra deste escritor, temos a interdisciplinaridade dos subsistemas História, Sociologia, Antropologia e Estudos Culturais confluindo e se relacionando através da Literatura, da ficção, do pacto entre o leitor e a obra. Não interpretamos uma relação hierarquizada, mas uma rede de relações que faz funcionar o processo. Não é mais o objeto em si, mas as relações que o fazem funcionar.

Contextualizar é reintegrar o objeto no contexto, é vê-lo existindo no sistema. E ampliando ainda mais o foco, colocando o foco nas interligações, veremos esse sistema interagindo com outros sistemas, veremos uma rede de padrões interconectados, veremos conexões ecossistêmicas, veremos redes de redes ou sistemas de sistemas. (ESTEVEES, 2002, p. 112)



Propomos pesquisar a obra de Nicodemos Sena como um sistema entrelaçado de outros sistemas numa interconexão não hierárquica. Desta forma, a obra literária

[...] não é uma estrutura estática, simetricamente elaborada e fechada, na realidade é o oposto. Por isso, os elementos de uma obra não podem ser vistos numa relação de soma ou igualdade, mas numa correlação que promove a integridade responsável pelo sucesso do trabalho artístico. Por se tratar de um “ser vivo”, dinâmico, na obra literária sempre haverá violações, que devem ser vistas como equivalências de uma unidade já designada no texto. Essas violações nada subtraem ao material final, são elas que evitam aspectos negativos, como os automatismos e o pronto reconhecimento. Os conflitos também são importantes na construção da obra, pois se uma obra se populariza, serão esses os elementos que se renovarão para que a arte se revolucione. O resultado desse trabalho com a linguagem é um texto com função literária (ou poética, ou estética) que, só depois de analisado, poderá dar lugar ao estudo das subsidiárias ou dos “traços secundários” englobados pela função verbal — (ou referencial já que diluída nos referentes). Mas, para fazer esse caminho é fundamental observar mais de perto o sistema literário. (ALMEIDA, 2006, p. 101).

2 NICODEMOS SENA: UMA EXPRESSÃO AMAZÔNICA

O escritor Nicodemos Sena nasceu em 1958, em Santarém, Pará, Brasil, onde viveu até 1977. Formou-se em Jornalismo, pela PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), e em Direito, pela USP (Universidade de São Paulo). Em 1999, estreou na ficção com o romance “A espera do nunca mais – uma saga amazônica” (Editora Cejup, Belém), uma saga amazônica de 876 páginas, em 2ª edição, ganhou o “Prêmio Lima Barreto-Brasil 500 Anos”, da União Brasileira de Escritores (UBE/RJ). Foi saudado pela crítica, dentro e fora da Amazônia, como auspiciosa revelação na época de seu lançamento. Este livro chamou atenção, primeiramente, pelas 876 páginas. Afastada dos centros de produção e publicação, a Amazônia sofre pela falta de oportunidades nesta área. Temos autores já conhecidos e representantes, como Milton Hatoum, Thiago de Melo, Márcio Souza, Dalcídio Jurandir e outros. E um autor paraense se lançar com seu primeiro livro sobre a Amazônia e com 876 páginas é uma loucura ou muita certeza de saber o que escreveu. Mas Nicodemos Sena conquistou a crítica com sua saga,

É uma alegria quando nos deparamos com um livro como A espera do nunca mais, esta extraordinária saga amazônica, narrada com sedução, seriedade, poesia. Forma e estilo são impecáveis nessa estreia, que nem estreia parece, de tão madura. Todo o livro, em suas 876 páginas, é uma exaltação à palavra, lavra que o autor utiliza como veículo para contar inúmeras histórias entrecruzadas dos seres amazônicos, habitantes genuínos dessa esplendorosa floresta, ícone nacional. (...) A espera do nunca mais, de Nicodemos Sena, é uma lição de literatura e de brasilidade.



OLGA SAVARY/O GLOBO, Caderno Prosa & Verso, Rio de Janeiro, 03-março-2001/Amazonense faz boa ficção com 'anos de chumbo' e choques entre culturas.

Nicodemos Sena, em *A espera do nunca mais*, seu formidável romance da Amazônia, demonstra ter um senhor pulso de romancista. Conseguiu amalgamar numa escrita sedutora e envolvente milhentas vivências, experiências, informações, etc. É incrível a rede de fatores que o autor conseguiu reter na rede das palavras. NELLY NOVAES COELHO, escritora e crítica, professora de teoria literária da Universidade de São Paulo(USP)/São Paulo, 23-novembro-2001.

Vejo-me no dever de dizer que, além de um grande romance, Nicodemos Sena escreveu páginas que merecem ser consideradas clássicas na literatura amazônica. A comovente morte do búfalo rosilho, por exemplo, narrada na segunda parte de *A espera do nunca mais* (págs. 448 a 466), merece estar entre as melhores páginas que já se escreveram sobre a vida do nosso povo. (...) Quando os historiadores, antropólogos e sociólogos quiserem resgatar aspectos originais e fundamentais da cultura amazônica, terão que buscar nas páginas do romance *A espera do nunca mais*. BENEDICTO MONTEIRO/O ESTADO DO TAPAJÓS, Santarém-PA, 05-março-2002/O romance da civilização fluvial.

Por tudo isso e pela curiosidade de ler sua obra, deu-se a escolha pela '*A Espera do nunca mais: uma saga amazônica*'.

Seu segundo romance, "*A noite é dos pássaros*" (Cejup, 136 páginas, 2003), lançado em São Paulo e em Belém do Pará, apareceu, antes, em forma de folhetim, no jornal "*O Estado do Tapajós*" (Pará, Brasil) e na revista portuguesa "*TriploV*" (www.triplov.com). Trechos do romance foram publicados no "*Dossier Amazônico*" elaborado pela revista "*Construções Portuárias*" (nº01, 2002); na revista "*Palavra em Mutação*" (nº02, 2003) e "*Storm Magazine*", todas de Portugal, onde o romance foi editado pela Íman Edições.

Em 2000, retornou à Amazônia atuando em Belém como diretor de redação de "*A Província do Pará*", no qual criou o caderno de cultura *Realidade Amazônica*.

O terceiro livro '*A Mulher, o Homem e o Cão*' também foi elogiado pela crítica. Citemos aqui apenas as palavras de Oscar D'Ambrosio:

Nicodemos Sena é, acima de tudo, um exímio contador de histórias. Sua poética tem como base numerosos mitos que se inter cruzam, mas, em primeiro lugar, cativa pela capacidade de envolver o leitor pela criação de um mundo fantástico que derruba os limites entre o real e o imaginário. Neste novo romance, já no título, aponta para três elementos que concentram as atenções: a mulher, o homem e o cão. [...] A prosa de Nicodemos Sena, com esses elementos primordiais, desafia gostosamente o leitor. Os enigmas que traz à tona estão, na verdade, dentro de cada um. Suas histórias acordam o gigante adormecido da capacidade humana de raciocinar, colocando-o no centro do picadeiro dos dilemas, enigmas e



desafios da existência. (A mulher, o Homem e o Cão. Prefácio de Oscar D'Ambrosio)

Atualmente, escreve em uma coluna no Jornal “O Estado do Tapajós”. Dia 11 de setembro de 2014, nos avisou de uma nova empreitada, a publicação em 2015 de mais uma narrativa intitulada ‘Lá seremos felizes’, baseada na vida do pai Bernardino Sena. A coluna do dia 11 de setembro trouxe estas palavras:

Para que o leitor compreenda por que dei o título “Choro por ti, Belterra” a série de artigos que publicarei neste espaço, transcreverei na próxima coluna trechos do referido romance, que se passam durante o longo período (de 10 anos) em que o menino ‘Lázaro’ (como Bernardino é chamado no livro), esteve separado de sua mãe Guida, até que mãe e filho, em 1944, em plena Segunda Guerra Mundial, se reencontram. Esse reencontro de mãe e filho, que se deu em Belterra, também descreverei no próximo capítulo. (O Estado de Tapajós, 11 de setembro de 2014).

E recentemente, nos informou que finalizou o folhetim “Choro por ti Belterra”, publicado quinzenalmente no jornal “O Tapajós”, na cidade de Belém. O projeto é lançar a obra em forma de livro em Belém e São Paulo em 2017.

Investigar a Amazônia é uma necessidade contínua. E a Literatura escrita por Nicodemos Sena nos proporciona esta oportunidade. Investigar uma obra literária através da Análise do Discurso, dos Estudos Culturais e como possibilidade de uma Epistemologia do Sul é uma chance de conhecer uma Amazônia ainda escondida nos causos, na oralidade dos povos indígenas e na imaginação dos sujeitos amazônicos. Tentar compreender este sistema como uma possibilidade de interpretação interdisciplinar é necessário, pois são vários elementos que constituem essa relação, são vários subsistemas que se entrelaçam na formação de uma imagem da Amazônia.

3 UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

A obra de Nicodemos Sena ‘A espera do nunca mais: uma saga amazônica’, recebeu o prêmio Lima Barreto-Brasil 500 anos, da União Brasileira dos Escritores, no Rio de Janeiro. A narrativa nos apresenta uma Amazônia diferente de várias que já foram escritas. Há uma hibridização entre realidade e ficção poetizada. Há momentos de pura descrição naturalista, onde o autor nos apresenta espaços e personagens distantes dos heróis românticos e inebriados por uma psicologia e sociologia dos excluídos, dos marginalizados, dos que não cabem na velha conceituação ocidental de cidadão. O autor nos coloca os problemas, os anseios, a



VIDA AMAZÔNICA como ainda não foi nos apresentada. Não desmerecendo as obras já escritas, mas a tessitura de Nicodemos Sena nos arremata de uma forma que não há como se cansar ou se entediar nas 876 páginas. Isso mesmo, 876 páginas dedicadas às histórias e as várias Amazônias que o caboclo nos conta com destreza, poeticidade e encantamento. Há uma mistura de realidade, ficção, imaginação e invenção. Essa mistura nos proporciona conhecer intimamente este povo amazônico que já foi representado como exótico, canibais, preguiçosos e às vezes, mansos demais. Oscar D'Ambrosio no Jornal da Tarde (2000) publicou uma reportagem sobre o livro, intitulada: 'Uma extensa e densa aula de Amazônia'. Reproduzo um trecho de sua análise:

Embora o livro não seja um documento jornalístico ou sociológico, reúne as qualidades de ambos, pois apresenta dados para compreender melhor o cotidiano dos moradores da Amazônia. Um exemplo está na página 317, onde é narrado como uma sucuriju enorme engole um sapo. É descrito como este último 'enchia-se de ar, fica mais grosso, não queria passar pela goela da fera, mas ia passando'. Como último esforço, o pequeno sapo 'ainda abriu as perninhas na esperança de ficar entalado na garganta da cobra'. No entanto, 'com as perninhas cansadas', finalmente sucumbiu à força descomunal da fera. A imagem é uma metáfora do livro. Ele desafia e devora o leitor desde o início. Feito sucuriju, abre sua bocarra e obriga a penetrar num universo denso. Não adianta resistir. Uma vez dentro da boca deste livro-serpente, o destino é conhecer os seus interstícios plenos de um fazer artístico solidamente urdido, elaborado com mãos de mestre. (Jornal da Tarde, 2000)

Repleta de poesia, de encantos, de mistérios, mas também de escravidão, violência, subjugação, injustiças, justiças questionáveis. Uma pintura da história dos sujeitos amazônicos, é uma viagem dentro da Amazônia, um resgate de histórias silenciadas, não contadas e mutiladas por algumas narrativas estrangeiras. Uma narrativa que precisaria ser lida por todos que já dizem conhecer e pelos que ainda não conhecem a Amazônia. O hibridismo entre o fantástico e o real é uma marca indubitável desta escritura, realidade e imaginário se combinam e se misturam como nunca. Um faz parte do outro. A realidade e o mito como modos de ver a Amazônia. Ver e ler a Amazônia pelos olhos dos estrangeiros é um fazer necessário, pois nos acomete de questionamentos, de dúvidas, algumas verdades e muitas invenções. Mas ver e ler a Amazônia pelos olhos de um escritor regional é mudar o foco e alargar a visão estereotipada que temos dos sujeitos amazônicos, é descobrir uma cultura que foi modificada pela colonização, pelo desenvolvimento, pela ordem



imperial de salvar, civilizar e socializar os índios da Amazônia. Ver a Amazônia pelos olhos de um paraense é urgente, pois ali temos outra Amazônia, não a verdadeira, mas a que nos abre os olhos para o sujeito amazônico, para o caboclo, o índio, a mulher, em companhia também do colonizador, do homem branco, sujeito também que faz parte da representação amazônica. São partes que fazem parte de um todo, que já foi contado, desenhado, inventado, imaginado, criado por vários escritores e artistas.

4 DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES ENTRE O SISTEMA E OS SUBSISTEMAS

O biólogo austríaco Ludwig Von Bertalanffy, autor da Teoria Geral dos Sistema (1968), nos deixou a tendência organicista, na qual nossa obra literária se encaixa, considerando-a uma organização, um sistema social. E entender este sistema é um dos passos para ver a obra literária interdisciplinarmente. Para Bertalanffy (1968), o sistema seria um conjunto complexo constituído de partes que se interagem, partes estas ligadas umas as outras.

Para Esteves,

[...] os sistemas não são inteligíveis por meio da investigação de suas partes isoladamente [...]. As relações são o que dá coesão ao sistema todo, conferindo-lhe um caráter de totalidade ou globalidade, uma das características definidoras do sistema [...]. A noção de sistema vem substituir a noção preliminar de gestalten - noção restrita às gestalten em física – referindo-se amplamente a qualquer unidade em que o todo é mais do que a soma das partes. (2002, p. 199)

E para analisar e dialogar com essas ideias, propomos nos apoderar, por um momento, de alguns sistemas abertos, os Estudos Culturais, a Epistemologia do Sul e a Análise do Discurso. Nessas teorias, encontramos outros sistemas, aqui, vistos como subsistemas, a História, a Filosofia, e a Sociologia, subsistemas que dão vida à Literatura, sem que esta se submeta a eles. Todos os sistemas citados são não-lineares, instáveis, falíveis, pois buscam sempre realidades e representações que se mesclam e se complementam em seus sentidos e significados.

No decorrer da narrativa de Nicodemos Sena, temos uma não linearidade narrativa, pois há saltos e regressos na contação, são estratégias de um tempo e espaços instáveis, em processo, em relação com o narrador e com o leitor. Esta peculiaridade da narrativa já seria um ponto a ser analisado em seu processo de criação e de narração. Teríamos dentro do sistema de funcionamento da obra dois



processos de relações ligados a não linearidade da narração: investigar a criação literária e o narrar dinâmico e processual, pois leva o leitor a fazer várias idas e vindas na leitura do texto.

Após uma realidade de colonização, para qualquer grupo, a busca da identidade é essencial. Segundo Stuart Hall,

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (2004, p.109)

As identidades dos sujeitos amazônicos são constituídas de que forma? A cultura, a sociedade e a História fazem parte dessa construção? E qual cultura, sociedade e História foram escolhidas para essa construção? A Amazônia escrita por Nicodemos Sena dialoga com a Amazônia já retratada por outros autores? Há diferença entre o olhar de um estrangeiro e um olhar regional sobre a Amazônia? Quais pontos são diferenciáveis? A construção desses Outros perpassa pela alteridade, pela diferença e evoca uma legitimação de identidades? São questionamentos como esses que pretendemos levantar e questionar sobre a constituição da Amazônia e seus sujeitos na obra de Nicodemos Sena. Uma rede de relações que possui suas próprias regras de funcionamento, um sistema que foi construído pelo escritor, passado para os leitores pelo narrador, e reconstruído pelo leitor e sua experiência colateral.

O teórico da linguagem Mikhail Bakhtin (2002) nos ajudará com seus conceitos de dialogismo e intertextualidade. A obra de Nicodemos Sena utiliza a intertextualidade e o dialogismo de forma a tecer uma rede de narrativas; muitos podem pensar que as histórias estão isoladas, mas sempre há um fio condutor e uma ponta de elo entre elas. E esse sistema de narrativas será investigado, utilizando as ideias do teórico Mikhail Bakhtin (2002).

Segundo Foucault (1971), vivemos numa sociedade em que o poder é exercido de maneira centralizada e até violenta. E essa violência, às vezes, legalizada pelos poderes institucionais. O filósofo nos propõe desmascarar esses



poderes, principalmente, os escondidos, os camuflados, aqueles que oprimem, que retiram as vozes, controlam e humilham qualquer grupo ou sujeito. E o discurso dos sujeitos da Amazônia foi por muito tempo, minado pelo discurso daquele que detinha o poder de voz, predominando o discurso do estrangeiro. Com uma história de escravidão, servilismo e injustiças, os discursos identitários dos sujeitos caboclo, índio, mulher foram cortados, modificados pelo colonizador.

Hommi Bhabha em *O local da cultura* argumenta que “a articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica” (2005, p. 21). Conforme o teórico, a diferença cultural “é um processo de significação através do qual afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade” (2005, p.63). Assim, “os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas de desenvolvimento e progresso” (2005, p. 21).

Desse modo, para que se possa tecer comentários sobre a questão da cultura nacional e amazônica, as ideias de Hommi Bhabha (2005) serão necessárias para que se possa dialogar e questionar o encontro do homem branco com o índio, numa perspectiva de ver esta diferença social e verificar a constituição híbrida após o contato.

Propomos este estudo como uma alternativa para a valorização do discurso amazônico e também de questionamento sobre os discursos coloniais. Segundo Boaventura (2007), nos dois últimos séculos, houve um domínio da Epistemologia que descartava o contexto cultural e político da produção e reprodução do conhecimento. O autor afirma que não há epistemologia neutra e que esta deve debruçar-se sobre as práticas sociais.

Com este questionamento, coloca-se a reflexão sobre o Colonialismo,

O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizados, relegando muitos outros



saberes para um espaço de subalternidade (SANTOS; MENESES, 2010, p. 7).

Souza Santos nos propõe uma alternativa para esta constatação, uma Epistemologia do Sul.

Trata-se do conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes chamamos ecologias de saberes (SANTOS; MENESES, 2010, p. 7).

Esta Epistemologia seria a constatação, o estudo e a valorização de um conjunto de saberes produzidos pelos próprios países que ficam na parte Sul do Globo, em contraposição à parte Norte. A parte Norte engloba América do Norte e Europa, ou seja, os colonizadores e os detentores da Ciência Hegemônica; a parte Sul comporta a América do Sul e a África, espaços que foram colonizados e subjugados de todas as formas, politicamente, economicamente, culturalmente, linguisticamente e socialmente. E neste espaço, encontra-se a Amazônia.

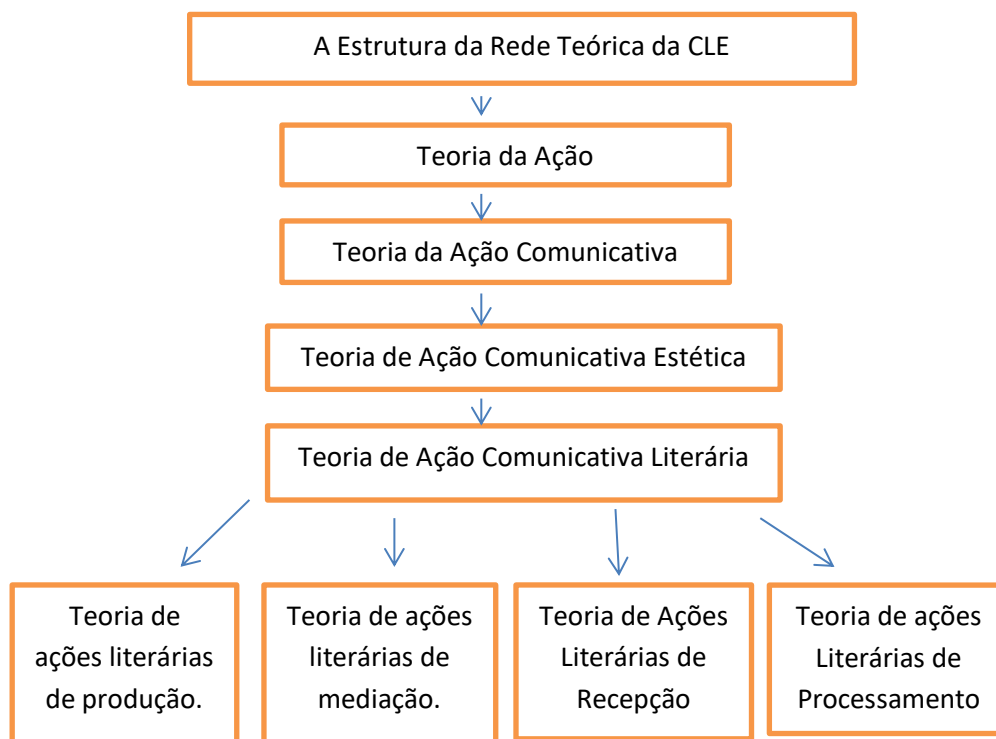
A Epistemologia produzida por grupos locais apresenta uma validade pontual. Não há como desvencilhar os sujeitos e o contexto social das epistemologias produzidas. O conhecimento está ligado ao seu contexto político, econômico, social e cultural, num engajamento com seus sujeitos. Assim, não há como falar de Epistemologia do Sul, representada pela Literatura Amazônica sem analisar sua política, sua economia, sua cultura e sua sociedade. E ao redor dessas relações, está o poder do discurso, que não deixa de estar entrelaçado aos sujeitos e aos contextos. Assim, temos vários sistemas, subsistemas e macrossistemas, mas não há uma hierarquização pejorativa, há uma relação, uma conjuntura e complementaridade entre os sistemas internos e externos.

Analisando a relação sociedade e Literatura, Schmidt (1980) nos apresentou uma descrição sobre a sociedade como um complexo de subsistemas numa relação de complementaridade.

O sistema é constituído de palavras-chaves que agregam outras palavras. Estas palavras são linhas interpretativas que originam outras linhas. Por exemplo, a Cultura abarca a Educação, a Arte e a Religião; A Arte abrangerá a Pintura, a Literatura e a Dança; a Literatura, conseqüentemente, o Drama, a Lírica e a Épica. E

assim, sucessivamente. É uma rede de sistemas em que há uma funcionalidade de comunicação, de troca de interpretações. Através desta descrição, temos a visualização desta rede de sistemas que confluem e se entrelaçam para que haja as linhas interpretativas. E nessa rede, temos a Literatura como parte da Arte, e esta como sistema da Cultura. E todas advindas da Sociedade. E seguindo ainda as linhas teóricas de Schmidt (1989), temos uma demonstração mais específica desta Ciência Literária Experimental. Seriam as ações decorrentes da Ação comunicativa que passam qualquer produção literária ou não. Especificamente neste artigo, temos a demonstração referente à Literatura.

Figura 2 - Descrição da Ciência Literária Experimental (SCHMIDT, 1989, P. 46).



Nesta demonstração, temos os passos de uma criação literária, as ações especificamente. E que são descritas desta forma, segundo Regina Maria de Britto Figueiredo (2006):

Uma análise detalhada do gráfico esquemático indica que as atividades que acompanham os fenômenos literários em sociedades podem ser concebidas a partir de quatro papéis distintos de ação:



- produção literária envolve todas as ações pelas quais um produto é criado, o qual é considerado pelo produtor como literário com base nas normas estéticas com as quais ele está operando;
- mediação literária envolve todas as ações pelas quais um produto literário se torna acessível a outros agentes, de modo apropriado ao meio em questão;
- recepção literária envolve todas as ações pelas quais um produto, considerado literário de acordo com certos padrões estéticos, é apropriado pelos agentes que lhe atribuem sentido;
- processamento literário envolve todas as ações posteriores à recepção podendo ser considerada como análise crítica, em sentido metateórico, do conjunto das ações que formam o sistema literário. (2006, p. 58)

Todas as ações apresentadas acima são relacionais, ou seja, fazem parte do processo literário, de um sistema social.

E a obra de Nicodemos Sena poderá ser abordada através desta análise. Trabalhando-se com a produção, a mediação, a recepção e o processamento literário. Para uma possível construção de tese, escolheríamos o processamento literário, pesquisa que envolveria uma análise crítica literária relacionada às representações de algumas ações, como a colonização, a relação construída entre os colonizados e colonizadores em espaços diferentes: na floresta e na cidade, nos grupos do interior do Pará e nos grupos sociais da capital Belém.

O ponto crucial proposto por estas páginas é considerar a obra um sistema complexo que envolve vários subsistemas e possui várias ações sistematizadas que dão vida à obra. Consideramos a obra um organismo vivo que pode ser estudado através da Teoria de sistemas, numa visão de ver a Literatura um macrosistema que se alimenta de outros subsistemas, mas que constrói suas próprias regras de funcionamento.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Propor um olhar interdisciplinar a uma obra literária na área de Letras é um risco que o pesquisador corre ao deixar de lado a obra em si. Não se quer de forma alguma desmerecer qualquer análise. A análise da obra em si é necessária para vermos todas as possíveis interpretações de uma narrativa. Mas ver a obra de forma interdisciplinar também é necessário, pois dará abertura a outros caminhos e outras disciplinas passearem pelo sistema Literatura. Considerando a obra literária um organismo vivo, somos sabedores que qualquer análise feita em diferentes tempos e espaços nos dará outras linhas interpretativas, outros elementos constitutivos da



obra. Para um programa de doutorado interdisciplinar, o olhar multiverso a uma obra literária é necessário e produtivo, pois poderá o pesquisador investigar o processo de construção dessa obra numa perspectiva funcional, verificar como a obra funciona e se relaciona com outros subsistemas para que haja a significação, os sentidos.

A funcionalidade desse processo social, desse sistema chamado Literatura é um exercício que envolve relações, funções, o escritor e suas influências, o leitor e sua experiência literária, o processamento literário que envolve todo um caminhar de produção, leitura, recepção e análise. E esta proposta de análise tentará pesquisar esta produção através de uma análise crítica das representações. Como um sistema de representação da colonização é construído na obra 'A espera do nunca mais – Uma saga amazônica', do escritor Nicodemos Sena, perpassando pelo escritor, pela obra e pelas construções já existentes. São sistema e subsistemas que apoiam e fazem funcionar essa representação na obra literária.

6 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Geruza Zelniz de. **O uni(verso) literário: literatura como sistema**. In Revista Trama, v. 2, n. 4, 2º semestre de 2006, p.97-108; semestral.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BERTALANFFY, Ludwig. Von. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1968.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- CASTRO, Ferreira de. **A Selva**. Lisboa Guimarães Editores, 1991.
- ESTEVES, Maria José De Vasconcellos. **Pensamento Sistêmico o novo paradigma da ciência**. Campinas (SP): Papyrus, 2002.
- FIGUEIREDO, Regina Maria de Britto. Tese: **Uma teoria literária em expansão** / Regina Maria de Britto Figueiredo ; orientador: Heidrun Krieger Olinto. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Letras, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.
- _____. **Em defesa da sociedade**: curso no College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaracira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.
- JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. 4 ed. Belém: EdUFPA; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008.
- SANT'ANA, Pereira. **Cabanos Capital Cabânia**. Belém: Cejup, 1998.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.



- _____. B. S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- SENA, Nicodemos. **A Espera do Nunca Mais – Uma Saga Amazônica**. 2 ed. Belém: Cejup, 2002.
- _____. **A Noite é dos Pássaros**. Belém: Cejup, 2003.
- _____. **A Mulher, o Homem e o Cão**. Taubaté. São Paulo: Letra Selvagem, 2009.
- SOUZA, Márcio. **Galvez, imperador do Acre**. Rio de Janeiro: Record, 1998.